

APRESENTAÇÃO

TRADUÇÃO E LITERATURA EM CORRESPONDÊNCIA

Mauricio Cardozo e Helena Martins

A ideia para este número de *Tradução em Revista* nasceu em parte da atenção dos organizadores a uma passagem de *Pour une critique des traductions*, na qual Antoine Berman, desejando lançar as bases para um “juízo de tradução que [fosse] o mais amplo, o mais justo e o mais consensual possível”, nos diz:

A ética e a poética garantem de saída que, de uma maneira ou de outra, *haja correspondência ao original e a sua língua*. A palavra “correspondência” é aqui uma escolha deliberada, por sua rica polissemia e também por sua indeterminação. É um significante existencial e ontológico fundamental (cf. *Les correspondances* de Baudelaire). E é igualmente um significante concreto: como, no vocabulário ferroviário em francês, “tomar” ou “perder” “*la correspondance*”, ou, no vocabulário epistolar, “manter correspondência com alguém” etc. A tradução deve sempre “corresponder”, na pluralidade de todas as suas significações. (1995, p. 94).

Foi nossa intenção, ao organizar este volume, abrir espaço para reflexões sobre tradução e sobre literatura *em correspondência*, acolhendo a vida plural desta palavra, suas dimensões éticas e poéticas. E é com grande prazer que apresentamos agora os trabalhos que compõem esta edição, textos que, como se verá, responderam a nossa proposta de formas diferentes, mas sempre generosas e fecundas.

Com ênfases assim variadas, as reflexões aqui reunidas nos dão, entre outros dons, ocasião para pensar aquilo que, no jogo delicado e inexorável entre o corresponder e o transformar, (des)equilibra escritas e subjetividades. Surpreendem, além disso, no espaço concreto e íntimo do jogo epistolar, pensamentos férteis e vibrantes — cuja riqueza remete à própria dinâmica da relação que os instaura e que, no ritmo das cartas trocadas, os vai (des)construindo.

Abrindo o volume, um ensaio de Marcia Sá Cavalcante Schuback encontra no movimento mesmo da correspondência, nas venturas e desventuras do ir e vir das cartas, um modelo para descrever o gesto tradutor — pensamento que é ainda enriquecido pela atenção a dois episódios de *Grande Sertão : Veredas* que destacam a figura da carta.

Os textos de Márcio Seligmann-Silva, partindo da figura da ponte na obra de Vilém Flusser, e de Maria Angélica Deângeli, tematizando a relação entre Jacques Derrida e Abdelkebir Khatibi, organizam-se no eixo de discussão das implicações, para uma reflexão sobre a tradução, de um modo atópico de compreender as *correspondências* identitárias e da condição de *(im)propriedade* dos elos impossíveis (mas realizáveis) que constituem as relações não como simples passagem *entre os lugares*, mas como o próprio *entre-lugar* das culturas, das línguas.

Álvaro Faleiros esboça uma poética tradutória de Charles Baudelaire, que tem lugar no corpo de suas correspondências. Sandra M. Stroparo pontua, especialmente nas cartas de Stephané Mallarmé, as discussões sobre as dificuldades de tradução de Edgar Allan Poe para o francês. Cristina Monteiro de Castro Pereira tematiza a relação poética e tradutória entre Haroldo de Campos e Octavio Paz. Juntos, esses três textos demonstram como a correspondência desses poetas pode ser tanto objeto quanto lugar privilegiado da crítica literária e da reflexão sobre o traduzir. Sandra M. Stroparo nos brinda, ainda, com a seleção, apresentação e tradução inédita de um generoso conjunto de cartas do poeta francês Stephané Mallarmé.

Caetano W. Galindo, partindo de uma carta de Stephen Mackenna, aproxima de uma reflexão sobre a condição do traduzir as ausências e presenças que marcam toda relação epistolar. Walter Lima Torres Neto, partindo de uma reflexão sobre a figuração da correspondência na tradição dramatúrgica, investe no estudo de casos em que o processo de construção teatral tem lugar de destaque no espaço paratextual da correspondência. Elizamari R. Becker, ao debruçar-se sobre a vasta correspondência de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, retrata a figura desse Lobato tradutor, que demonstra ter bastante clareza de seus objetivos e se mostra sensível a questões de fundo teórico e prático.

Helena Martins e Marcia Sá de Cavalcante Schuback refletem sobre a carta com que Henry Miller abre a sua *Correspondência Hamlet*, com Michael Fraenkel, discutindo questões relativas à tradução e aos temas que ali mais se destacam: o tempo, o moderno e a figura de Hamlet como espírito da época. Encerrando este número, Maria Paula Frota e Mauricio Cardozo, com base na análise e no confronto das correspondências de Guimarães Rosa, discutem as diferentes dinâmicas de relação construídas pelo escritor com três de seus tradutores.

Os organizadores